

# ***O ESQUECIMENTO DO ESPÍRITO NA TEOLOGIA OCIDENTAL: UM ENSAIO PNEUMATOLÓGICO NO HORIZONTE DA TEOLOGIA HODIERNA***

*Rodrigo Condeixa\**

<http://lattes.cnpq.br/6119914858015989>

## **Resumo**

Este artigo trata da marginalização do Espírito na história da reflexão teológica desenvolvida no Ocidente. Não que haja nessa história uma ausência de tematização do Espírito. Muito pelo contrário. O Espírito foi tematizado. Mas nosso intuito foi tratar de elucidar este artigo o papel marginal da pneumatologia nessa mesma história. Na verdade, só recentemente na teologia cristã o tema do Espírito ganha lugar de centralidade a partir das novas pesquisas bíblico-teológicas e do novo horizonte histórico/eclesial desde o último quartel do séc. XX.. Nosso objetivo é demonstrar que o protagonismo do Espírito na história da salvação – em parte consignada na revelação bíblica - nos convoca a repensar o lugar da pneumatologia na reflexão teológica hodierna.

**Palavras-chave:** Espírito; Pneumatologia; Marginalização; Teologia Ocidental.

## **Abstract**

This article deals with the marginalization of the Holy Spirit in the history of theological reflection developed in the West. Not that there is an absence of this story reflection of the Holy Spirit. Quite the contrary. Our aim was to elucidate the treat of pneumatology marginal role in this story. In fact, only recently the theme in Christian theology of the Holy Spirit is given a

---

\* Pastor protestante e Doutorando em Teologia Sistemática pela PUC-Rio.



place of centrality based on new research and biblical-theological and ecclesial new historical horizon. Our goal is to demonstrate the prominence of the Holy Spirit in salvation history - enshrined in biblical revelation - calls us to rethink the place of pneumatology in theological reflection today.

**Keywords:** Holy Spirit, Pneumatology, Marginalization, Western Theology.

## Introdução

Ao longo da história da teologia ocidental a reflexão exercida no seio da Igreja Cristã teve como foco o discernimento da fé e uma conseqüente ação pastoral e evangelizadora. Na verdade, a teologia nos seus primórdios (quando jamais se imaginava que a mesma tornar-se-ia a rainha das ciências no Ocidente), experimentava uma rica relação de integração com a espiritualidade. Bebendo com profusão do Espírito e tentando sempre ouvi-lo, a teologia buscava seguir os seus sinais. Os teólogos de então se sabiam dependentes do Espírito de discernimento, de conhecimento e de sabedoria. Ou seja, os teólogos e teólogas nesse momento estavam conscientes de existir em função da promoção da vida e do aprofundamento da fé, na força do Espírito.

No entanto, tendo em vista a centralidade da reflexão cristológica nos 4 primeiros séculos do



cristianismo (como resposta às ameaças das heresias cristológicas), fez com que uma reflexão cristã preocupada com a correção na tentativa de explicitar a fé em Jesus Cristo (ortodoxia cristológica), muito colaborou para o desenvolvimento daquilo que chamamos aqui de: *o esquecimento do Espírito*.<sup>1</sup> Mas quando nos voltamos para o Novo Testamento, nos deparamos com o protagonismo do Espírito como emerge de diversos de seus escritos: na obra Lucas-Atos, nos escritos joaninos e em boa parte do *corpus paulinus*.<sup>2</sup>

Só mais recentemente na reflexão teológica o tema da pneumatologia enquanto disciplina teológica, com alguma autonomia, ganha lugar de destaque. Na verdade,

---

<sup>1</sup> Não obstante a séria negligência com relação a uma pneumatologia mais amadurecida, algumas exceções devem ser pontuadas. Vide o pensamento pneumatológico em Irineu de Lyon († c. 202), Tertuliano († c. 220), Orígenes († c. 254) e especialmente Agostinho de Hipona († c. 430), o qual reservara uma boa parte de sua reflexão trinitária a uma pneumatologia propriamente dita. Com exceção de Orígenes, os chamados Pais da Capadócia exercem ainda hoje uma rica influência na reflexão pneumatológica na Igreja Grega (oriental). Seria muito bom se a Igreja Latina (ocidental) bebesse mais dessa rica tradição teológica oriental. Cf. HILBERATH, Bernd Jochen. **Pneumatologia**. In: Theodor Scheneider. **Manual de Dogmática**. Vol. 1. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 403-497.

<sup>2</sup> Sobre o protagonismo do Espírito na obra Lucas-Atos ver: BOFF, Lina. **O Espírito Santo em Lucas-Atos**. São Paulo: Paulinas, 2001; BRUNER, Frederick Dale. **Teologia do Espírito Santo**. São Paulo; Vida Nova, 1983; GREEN, Michael. **Evangelização na igreja primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2000.



com faz questão de frisar o Bernd Hilberath: “A teologia era, não raro, acusada até de primar pela ausência do Espírito.”<sup>3</sup> Este referido pneumatólogo lembra que já nos idos de 1951, Emil Brunner ressaltava a completa ausência de uma pneumatologia formal na esfera da reflexão teológica (mais especificamente no campo da teologia sistemática).<sup>4</sup> Na opinião do professor Mario de França Miranda, é de suma importância levar em consideração o fato de que na história do cristianismo os primeiros pais da Igreja (próximos à época apostólica), trataram de elaborar uma cristologia de corte pneumatológico mais aderente ao dado Revelado.<sup>5</sup>

Porém, como bem observa ainda França Miranda (como já frisamos acima), o emergir de novas posturas no seio da Igreja Cristã – como era o caso das heresias – tratavam de olhar para Jesus de Nazaré simplesmente como um homem cheio do Espírito, jamais reconhecendo seu status divino. Como reação, por exemplo, ao adocionismo<sup>6</sup>, tendeu-se ao desenvolvimento de uma

---

<sup>3</sup> HILBERATH, Bernd Jochen. **Pneumatologia**. Op., cit., p.403.

<sup>4</sup> Ibid, p.403.

<sup>5</sup> Cf. FRANÇA MIRANDA, Mario. **A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça**. São Paulo: Loyola, 2004, p.169.

<sup>6</sup> Heresia que negava categoricamente a plena divindade de Jesus Cristo, exagerando na ênfase que dava à humanidade de Jesus. Para os



crisologia cada vez mais focada na centralidade da encarnação do Verbo. Diz o professor França Miranda: “Porém, uma certa omissão do papel e da presença do Espírito Santo não deixará de ter conseqüências negativas nos séculos seguintes.”<sup>7</sup>

As dimensões imagética, sapiencial e mistagógica presente na teologia patrística, aos poucos dará lugar à outra metodologia conforme as exigências de cientificidade introduziram no campo da inteligência da fé certa metamorfose discursiva.<sup>8</sup> A teologia até então feita nas e para as comunidades de fé (ênfase na leitura comunitária da Palavra), nos e para os mosteiros (com ênfase na realidade contemplativa da teologia), sai em direção as Universidades então recém construídas na Europa do séc. XII. A teologia sofre uma metamorfose discursiva, ganhando status de ciência. O apelo à razão

---

adocionistas Jesus passa a ser enlevado ao status de divindade a partir de sua exaltação. Portanto, Jesus não seria divino por natureza, mas por adoção.

<sup>7</sup> FRANÇA MIRANDA, Mario. **A salvação de Jesus Cristo**. p.169.

<sup>8</sup> Vide a inserção da racionalidade aristotélica no âmbito da escolástica desde Pedro Abelardo, dando lugar a outra dinâmica ao método teológico desde então. Para um maior aprofundamento sobre o assunto. Cf. CONDEIXA, Rodrigo. **Do divórcio ao romance: uma nova relação entre teologia e espiritualidade**. São Paulo: Editora Reflexão, 2011, pp.139-163.



formal se torna central. A partir de então o racionalismo ameaçaria a teologia.

Para o professor França Miranda até mesmo a teologia da graça que na Patrística ainda estava embebida de uma dimensão pneumatológica, dominando amplamente a doutrina da graça “de tal maneira que costumavam se expressar usando expressões como ‘receber o Espírito’, ‘perder o Espírito’, o que hoje dizemos como ‘ser justificado’, ‘estar em pecado’, ‘estar em estado de graça’<sup>9</sup>, nos séculos posteriores é marginalizada. Segundo Jürgen Moltmann, o esquecimento do Espírito durou até bem pouco tempo. Ele diz: “Cerca de vinte anos atrás era comum os trabalhos sobre o Espírito Santo serem introduzidos com uma lamentação sobre ‘o esquecimento do Espírito Santo’, na atualidade em geral e na teologia evangélica em particular.”<sup>10</sup>

Contudo, apesar de verdadeira a afirmação de Moltmann, tendo em vista certa retomada de uma reflexão pneumatológica mais profunda, o Espírito ainda não é levado à sério na teologia como deveria. Ou seja, a

---

<sup>9</sup> Ibid., p.169.

<sup>10</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral**. Petrópolis: Vozes, 1999, p.13.

pneumatologia persiste como disciplina carente de afirmação, de ter seu “lugar ao sol” assegurado no campo da reflexão teológico-sistemática. No que se refere ao lugar da teologia do Espírito no campo da teologia protestante, Moltmann continua sua excelente reflexão lembrando a posição da teologia do Espírito na grande tradição ocidental e o relegar da pneumatologia ao completo ostracismo, reverberando inclusive no corpo doutrinário das Igrejas.

Outra razão que podemos elencar para o esquecimento do Espírito no cristianismo ocidental, diz respeito aos movimentos centrados no Espírito Santo que perpassam a história do cristianismo. Podemos perceber desde o início da fé cristã, tanto nas comunidades primitivas, como na grande Igreja do Império, que a dificuldade com o Espírito se deu em função dos movimentos eminentemente carismáticos e entusiastas, como por exemplo: os montanistas; o movimento joaquimita; os anabatistas; os quacres; o movimento pentecostal de princípios do séc. XX; e mais recentemente o movimento carismático da década de 60 e neo-pentecotalismo.



Ou seja, na tentativa de exercer o discernimento quanto a algumas práticas excêntricas e heterodoxas de cunho carismático, visando preservar a ortodoxia e conseqüentemente uma saudável *ortopraxis*, via de regra, perdeu-se de vista nas Igrejas históricas a centralidade do ministério do Espírito Santo na vida da Igreja de Jesus Cristo e uma conseqüente pneumatologia que faça justiça ao protagonismo do Espírito. Hilberath comenta: “Em face da suposta alternativa: tumulto ou ordem ocorreram uma ampla domesticação e institucionalização do Espírito Santo.”<sup>11</sup>

O pneumatólogo supracitado lista uma das principais conseqüências deste reducionismo pneumatológico, a saber: “Reserva de experiências ‘autênticas’ do Espírito, (...) redução da atuação atual do Espírito na vida interior do indivíduo e o crescente dualismo entre ‘espírito’ e ‘matéria’ em virtude de uma intelectualização do discurso sobre o Espírito.”<sup>12</sup> Como faz questão de frisar Moltmann, “filho enjeitado” da teologia “precisava ser tomado sob proteção especial para

---

<sup>11</sup> HILBERATH. **Pneumatologia**. Op., cit., p.404.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p.404.



que pudesse crescer.”<sup>13</sup> É de impressionar como essa realidade aparece com toda força na teologia protestante recente.

Na verdade, na própria história da teologia trinitária a discussão girou em torno do Pai e do Filho e o caráter pessoal de ambos é mais destacado que o do Espírito, pois suas relações recíprocas aparecem explicitamente nos próprios nomes.<sup>14</sup> Segundo o teólogo católico Luis Ladaria, professor na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma:

Dado que na Santíssima Trindade nada é simplesmente “repetível”, o próprio uso da expressão “três pessoas” não deixava de suscitar problemas já em Santo Agostinho. (...) Foi possível observar como o Espírito Santo, em suas características peculiares, aparece no Novo Testamento como sujeito, como centro de atividade. É claro que esse fato nada tira da maior dificuldade que desde sempre suscitou o discurso sobre o Espírito Santo. Sem dúvida essas dificuldades foram causa em parte do relativo esquecimento do Espírito Santo e de sua função insubstituível em nossa salvação, que de fato se produziu em certas épocas, tanto na reflexão teológica,

---

<sup>13</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **O Espírito da Vida**. Op., cit., p.13.

<sup>14</sup> Cf. LADARIA, Luis. **O Deus vivo e verdadeiro**: o mistério da trindade. São Paulo, Loyola, 2005, p.323.



quanto na piedade do povo cristão. Essa situação, que se prolongou até tempos relativamente recentes, não é mais a nossa. O interesse pela pneumatologia é um signo de nossos tempos.<sup>15</sup>

Para nós, essa realidade do esquecimento do Espírito e suas conseqüências nefastas só serão plenamente superadas aos poucos no interior da reflexão teológica. Estamos ainda no início desse caminho de tornar o Espírito Santo central para uma reflexão teológica que queira ser fiel aos dados neotestamentários e passível de comunicar-se diante do momento cultural e eclesial que atravessamos.

Mas é importantíssimo sublinhar para uma realidade a qual Jürgen Moltmann nos adverte. Para esse grande teólogo reformado alemão a proliferação de escritos sobre o Espírito Santo nesses últimos anos em nada tem contribuído para o surgimento de um novo paradigma na história dessa disciplina.<sup>16</sup> Para este pensador: “A maioria dos trabalhos representa atualizações das doutrinas tradicionais, seja na

---

<sup>15</sup> Ibid., p.323.

<sup>16</sup> Cf. MOLTSMANN. **O Espírito da Vida**. Op., cit., p.13.



continuação da doutrina católica sobre a graça, seja ampliando o esquema protestante ‘palavra e Espírito’.”<sup>17</sup>

## **O lugar do Espírito na teologia da Karl Barth**

Em consonância ao que dissemos até aqui e em face não somente do ainda presente relativo esquecimento do Espírito no campo da reflexão teológica ocidental e da ausência de um novo paradigma, faz-se necessário destacar a importância da pesquisa focada na pessoa e obra da Terceira Pessoa da Trindade Santa. Gestando finalmente, (mais especificamente no campo da teologia protestante hodierna) uma reflexão teológica rica tanto para a Igreja de Jesus Cristo, quanto para a inteligência da fé exercida nas academias de ensino teológico formal. Mas nada disso será possível sem que nos conscientizemos da premente necessidade do Espírito no labor teológico. Uma teologia sob o influxo do Espírito. Karl Barth, já em meados do século passado, percebeu essa urgente necessidade.

O “lugar” da teologia para K. Barth chega aqui a seu ápice de compreensão, ao seu terceiro movimento - que

---

<sup>17</sup> Ibid., p.13.



Barth chama de sentença central - sem a qual não haveria verdadeiramente “lugar” algum de subsistência para a teologia cristã. K. Barth deixa esse movimento por último, exatamente porque entende ser esse o real “espaço vital” donde poderá brotar qualquer tentativa de tematizar a Deus (teo-*logia*). O teólogo de Basiléia emite uma pergunta com a qual se deterá para depois respondê-la em cerca de seis páginas. Ele pergunta:

Ao ousarmos, apesar de tudo, formular essas sentenças, a que poder demos espaço, a que poder que está oculto nelas e as fundamenta e ilumina apenas a partir de dentro? Em outros termos: qual a razão que leva a teologia a situar-se e apoiar-se em tal lugar, que, visto de fora, parece pairar no espaço?<sup>18</sup>

Essa é a Realidade da qual a teologia vive ou morre, e a partir da qual poderá vingar como diz Barth, esse é o “poder *oculto*” por detrás, sob e de dentro da teologia, isto é, a transpassa-la em suas frases e teses. Essa força que subjaz à teologia cristã não poderá jamais ser “pressuposto nessas teses acerca do lugar da teologia, pressuposto pela

---

<sup>18</sup> BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. 9ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p.35.



própria teologia como mais um teologúmeno.”<sup>19</sup> Para Barth:

Seria uma traição, um erro total, se usássemos tal formulação. A teologia nada tem a pressupor que lhe permita fundamentar, justificar ou orientar as suas teses, nem dirigindo-se “para fora” nem partindo “de dentro”. Se quisesse basear suas teses numa pressuposição – e que fosse pela introdução de um *deus ex machina* em forma de mais um teologúmeno - tal atitude significaria que a teologia quereria assegurar as suas teses, e com elas a si mesma e a seu labor, que julgaria ser capaz e ser obrigada a procurar tal “segurança”. (...) Ela só poderá *fazer* o seu trabalho, mas não poderá querer assegurá-lo em nenhum sentido. Só poderá cumprir a sua tarefa se desistir de todas as suas premissas destinadas a fornecer segurança externa ou, quiçá, interna.<sup>20</sup>

A partir desse *lócus* sem o qual a teologia só poderá se exasperar que Barth nos interpela a que tomemos consciência - como teólogos e teólogas, estudantes de teologia – dessa força determinante, dinâmica, “inatingível, indisponível não só aos ‘de fora’, mas também à comunidade e à teologia que está a serviço

---

<sup>19</sup> Ibid., p.36.

<sup>20</sup> Ibid., Idem., p.36.



da mesma.”<sup>21</sup> Que para o nosso teólogo está sempre presente e atuante no conteúdo das teses da teologia, mesmo que a teologia e os teólogos(as), não se apercebam dessa realidade na qual está circunscrita.

Essa é a “força divina” que na revelação bíblico-cristã revela-se *pessoal*, agindo desde sempre na história da salvação, da auto-revelação de Deus ao seu povo e conseqüentemente ao ser humano. Pessoal, também, porque fala, sustenta e convoca a comunidade cristã ao testemunho de fé, atuando no interior e nos recônditos do labor teológico dessa mesma comunidade, como poder que a transcende em todos os sentidos.<sup>22</sup> Tal como Barth, podemos e devemos dizer que:

É ele que tudo sustenta e tudo move: desde a história do *Emanuel* até as pequenas histórias relatadas pela teologia, nas quais, por fim, também ela tem sua existência e atuação. Ele impede e proíbe que, ao serem narradas essas pequenas histórias, sejam estabelecidas tais premissas tolas, em especial premissas que teriam a própria teologia por objeto! Ele torna supérfluas quaisquer pressuposições arbitrárias, por ser poder que cria, suplantando quaisquer outras seguranças.

---

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Cf. Ibid., idem., p.36.



E conclui:

É um poder que cria segurança, sim; mas precisamente por ser poder criador, atuante de tal maneira que até o mais sublime mestre teológico não poderá fazer o seu jogo com ele, como se fosse a mais poderosa de uma série de peças de xadrez (quicá a rainha), revestida de potencialidade conhecida e posta a sua disposição; não poderá lidar com esse poder como se soubesse de sua origem, seu alcance e seus limites.<sup>23</sup>

A comunidade cristã desde seus primórdios teve a coragem de dar nome e esse “poder”, essa “força” imprescindível a comunidade cristã que re reúnem em torno da Palavra e dos Sacramentos e que os faz ser Povo de Deus. Povo sob a ação desse mesmo Espírito que soberanamente realiza seu intento de dar sustentação e destino à história de Jesus de Nazaré, agindo em meio aos profetas e apóstolos, na reunião, edificação, exercício da espiritualidade e missão da comunidade cristã.

Essa realidade de Deus presente desde sempre no seio da comunidade, e, é claro, também em sua tarefa da reflexão teológica, deveria nos fazer prestar mais atenção

---

<sup>23</sup> Ibid., pp.36-37.



a esse “lugar”, como ar de onde a teologia tira e recebe sua vitalidade. Ar que é a imagem que Barth lança mão ao falar dessa “força”. Diz Barth:

Pairar no ar livre – será que isso não poderia significar: ar movimentado, fresco, saudável, em contraposição, ao ar imóvel do quarto fechado, ar este que não mexe com ninguém, mas que não passa de ar viciado? E “pairar” no ar livre – não poderia isso significar: ser levado, movido, sustentado e impelido por esse ar movimentado sem que haja seguranças que nos travem o movimento? Será que deveremos desejar outra coisa? Ser sustentada, ser impulsionada por um ar que se move com poder e que move com poder, existir nesse ar, de forma decisiva e definitiva, tendo-o por lugar original – isto tudo será próprio da teologia pelo simples fato de tal mover e tal ser movido em liberdade também representarem o “lugar” da comunidade que vive da palavra de Deus. (...) *Ruah, pneuma*, é esse o nome bíblico desse poder de atuação soberana.<sup>24</sup>

Ora, fica evidente a dinâmica espiritual da teologia a partir desse seu *lócus*, *lócus* metodológico, o qual perpassa a vida da teologia. Incidindo, também - por força desse dado pneumatológico *intrínseco ao labor teológico* - na sua epistemologia, qualificando essa epistemologia a

---

<sup>24</sup> Ibid., pp.37-38.



ser o que deveria sempre ser: uma epistemologia teológica. Logo, com sua episteme própria, particular, específica e que dista em muito de outras chamadas também, de “ciências do espírito”.

Ainda em relação aos termos bíblicos para o Espírito, Barth lembra que “ambos os termos – *ruah* e *pneuma* – significam ar movimentado e ar que põe em movimento, sopro, vento, tempestade e, nesse sentido: Espírito – cujo equivalente alemão, *Geist*, lamentavelmente não deixa transparecer o significado dinâmico do termo bíblico.”<sup>25</sup> E ele assevera:

Nós usamos o termo neste seu significado autêntico: “Onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade.” (2 Co 3, 17) – aquela liberdade de Deus de revelar-se aos seres humanos, de penetrar na sua vida, de libertá-los para Si. O *Senhor Deus*, que é o Espírito, realiza isso.<sup>26</sup>

Passa a ficar cada vez mais explícita - a partir da veemente ênfase desse teólogo na *soberania e liberdade incondicionais* do Espírito - a herança teológica de K. Barth e o que este devia à tradição reformada (calvinista),

---

<sup>25</sup> Ibid., p.38.

<sup>26</sup> Ibid., Idem.



na qual estivera inserido como ministro ordenado da Igreja Reformada Suíça. Contudo, K. Barth repensa a soberania relocando a mesma. Não uma soberania do Pai de cunho monarquista/verticalista, mas uma soberania do Espírito “desde baixo”, “esvaziado” na história (kénosis), a transpassar toda a realidade da Criação.

Esse arcabouço teológico prévio leva o teólogo de Basiléia adiante em sua tentativa de tratar do Espírito como grande protagonista no drama da salvação, bem como no labor teológico daqueles que passaram e passam pela experiência salvífica no decorrer dos séculos. Esse Espírito segundo Barth:

É definido pelo Símbolo Niceno como “Santo, Senhor e Vivificador”, e mais: “O qual procede do Pai e do Filho; que junto com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”. Isto quer dizer: ele mesmo é Deus – o mesmo Deus uno que é também o Pai e o Filho; que age como Criador, mas também como Reconciliador, como Senhor da aliança, mas que agora, como este Deus, no poder iluminador de sua ação não só está entre os seres humanos, mas habita, habitou e habitará neles – o mesmo Espírito como aquele ar movente e aquela atmosfera movida em que os seres humanos podem (quanto ao mais, totalmente isentos de premissas) viver, pensar e falar como seres que são conhecidos por ele e o conhecem, como



seres por ele chamados e a ele obedientes,  
como filhos gerados por sua palavra.<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Idem., p.38.. Como já foi dito a tradição teológica na qual Karl Barth estivera inserido, nos ajuda a ver melhor suas impositões como teólogo. Outro exemplo claro que seguia a mesma tradição, apesar das diferenças em relação à teologia barthiana, foi o teólogo reformado, professor de teologia dogmática da Universidade de Zurique, Emil Brunner (1889- 1966). Com o qual Barth se desentendeu e com o qual, a partir da década de 30 do século passado rompe como conseqüência de uma profunda guinada em sua maneira de conceber, principalmente, a epistemologia da fé, a qual para Barth deveria depender mais da exegese bíblica do que de um sistema filosófico fechado. A pergunta que paira desde então e a qual Barth era vez em quando chamado a dar uma resposta era a seguinte: é possível - e até que ponto - fazer teologia sem um profundo aporte filosófico? Ainda sobre Emil Brunner queremos destacar um trecho de sua obra que mostra um ponto de convergência nesses teólogos de tradição calvinista. Diz Brunner em sua obra *O equívoco sobre a igreja: O Espírito Santo é Deus: porém a Ecclesia*, nesta experiência do Espírito Santo, experimentou Deus como aquele único impacto na vida humana que penetra nas profundezas da alma, toca estas energias escondidas, mobiliza e aproveita-as no serviço de Sua Santa vontade. (...) A teologia não é o instrumento melhor adaptado para elucidar este aspecto das manifestações pneumáticas. Pois teologia tem a ver com o logos e, portanto, está qualificada apenas para lidar apenas com assunto que são de algum modo lógicos, não com o dinâmico em suas características a-lógicas. Portanto, o Espírito Santo sempre tem sido mais ou menos o enteado da teologia o dinamismo do Espírito um bicho-papão para os teólogos; por outro lado, a teologia, através de seu intelectualismo inconsciente, muitas vezes tem experimentado uma influência restritiva significante, asfixiando as operações do Espírito Santo, ou pelo menos suas manifestações plenamente criativas. BRUNNER, Emil. **O equívoco sobre a igreja**. 2ª ed. São Paulo: Novo Século, 2004, pp. 54-55. Portanto, só pode haver teologia, onde tanto o conceito de logos (razão) quanto o conceito do que é teologia for ampliado, alargando os horizontes do que se percebe. Uma teologia mais sensível á outras dimensões humanas as quais sem dúvida interagem e devem interagir fortemente no trabalho teológico, ao lado da racionalidade. Surge a necessidade como vimos no primeiro capítulo a necessidade premente de um “novo paradigma”



Esse Espírito que é *Santo*, o qual a comunidade de fé sabe ser também *um* com o Pai e o Filho, é quem capacita com os carismas como bem lhe aprouver para o bom desenvolvimento do trabalho teológico e da vida da Igreja. E se entendemos espiritualidade cristã como sendo “a vida no Espírito”, então como separar a teologia *cristã* (ou como Barth prefere, a teologia *evangélica*) da espiritualidade autenticamente baseada nos Evangelhos? Barth responde: “É evidente que também a teologia evangélica, sendo ciência modesta, livre, crítica e alegre, só poderá ser possível e real dentro do campo de força do Espírito, só como teologia pneumática.”<sup>28</sup>

Exatamente por ser ciência modesta, humilde, *kenótica*, essa poderá dar sua contribuição própria sem perder de vista seu assunto, seu “objeto”, o qual se revela sujeito, o *Deus Espírito Santo*, vivo, guia da verdade como disse Jesus pela boca da comunidade joanina: “Se me amais, observareis meus mandamentos e rogarei ao Pai e

---

em teologia. Mais complexo, mais interdisciplinar pelo menos, com ambições de vir-a-ser transdisciplinar.

<sup>28</sup> Ibid., p.39.



ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o *Espírito da Verdade*... ”<sup>29</sup>

Portanto, como diz Barth:

Como é que a teologia se arroga a ser “teologia”, lógica humana do logos divino? Resposta: ela não se arroga coisa nenhuma. Mas poderá suceder-lhe que esse Espírito venha sobre ela e que ela não passe a lhe resistir, mas que, por igual, não tente se apoderar dele, e sim se alegre com ele, limitando-se a segui-lo. Uma teologia não-espiritual seria um dos fenômenos mais horríveis que pode existir nesta terra. (...) A teologia deixa de ser espiritual onde se deixa afastar do ar fresco e movimentado do Espírito do Senhor, que é o único ambiente em que poderá vingar, e se deixar atrair e impelir para dentro de recintos em cujo ar viciado está automática e radicalmente impedida de ser e de realizar o que poderia e deveria.<sup>30</sup>

No seu labor teológico o teólogo(a) sempre se perceberá diante Daquele Espírito que não se deixa aprisionar nas teias do “dogmatismo hermético”, nos “sistemas acabados”, nas “sumas teológicas” de tipo cartesiano; mas é *vento livre*, que sopra para além de nossas absolutas certezas; é *vinho sempre novo*, que não

---

<sup>29</sup> Jo 14, 14-17. **Bíblia de Jerusalém**. Grifo nosso.

<sup>30</sup> BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. Op., cit., p. 39.



cabe nos *velhos odres* da matematicidade de nossas minúcias teológico-filosóficas. A teologia, portanto, estará sempre em dívida para com ela mesma e para com o Seu Deus, limitada que está pela liberdade e Alteridade da Fonte da vida, como diz Jürgen Moltmann.<sup>31</sup>

Portanto, a teologia trilhará sempre as sendas da parcialidade<sup>32</sup>, do provisório, do inacabado. Deus, seu “objeto” de estudo, emerge como o limite da teologia. Lembrando a teologia de que terá sempre que lidar com suas fronteiras de imprecisão, quicá suas barreiras intransponíveis, condicionada que se torna pelo *Deus Espírito* sobre quem se diz pensar-intuir.

---

<sup>31</sup> Com relação à teologia vale o que Moltmann diz acerca da igreja, teologia que é feita a partir da fé eclesial e no seio da mesma. Ele diz: A Igreja não tem o monopólio do Espírito Santo. Tão pouco decide sobre ele. É exatamente ao inverso: o Espírito prende a Igreja a si e decide sobre ela. De acordo com as narrativas bíblicas sobre o Espírito, para o Espírito Santo não está em questão a Igreja, mas o que lhe importa nela, como em Israel é o novo nascimento da vida e a nova criação de todas as coisas. Por isso deve-se ressaltar sempre que não decidimos sobre o Espírito Santo, porque ele “sopra onde quer” (Jo 3.8). Pelo contrário, devemos atentar para o sopro do Espírito, para perceber para onde o Espírito nos quer conduzir e para o que ele quer nos impelir. MOLTSMANN, Jürgen. **A Fonte da vida:** o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002, pp.98-99.

<sup>85</sup> Cf. PEDREIRA, Eduardo Rosa. **Do confronto ao encontro:** uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso. São Paulo, Paulinas, 1999, p.157.



Se a teologia pode com propriedade ser chamada de “ciência”, ela é, isso sim, ciência *sui generis*, posto que seu “objeto” de estudo, no processo de seu desvelar-se, emerge como *Sujeito livre* - decerto não em pé de igualdade com outros(as), como no caso do teólogo(a) - mas sempre para além, como *Horizonte Infinito*.<sup>33</sup> Essa limitação e precariedade próprio a todo discurso teológico não deveria ser encarado por nós com pessimismo, mas com a humildade dos grandes teólogos que a história da Igreja nos legou. Sabedores de que jamais teremos a última palavra sobre a realidade infável de Deus, de que sempre estaremos como que balbuciando diante de tamanho Mistério.

---

<sup>33</sup> Para a fé cristã, Deus é Alguém, portanto, não pode ser objetável. O que já de antemão rompe o esquema moderno baseado na relação sujeito-objeto. Sobre a realidade infável de Deus, o teólogo católico Karl Rahner assevera: Apesar da finitude de seu sistema, o homem está sempre situado perante si mesmo como um todo. Ele pode questionar tudo, tudo o que se pode expressar pode transformar-se pelo menos em pergunta para ele. Ao afirmar a possibilidade de horizonte meramente finito de questionamento, essa possibilidade já se vê ultrapassada e o homem se manifesta como *ser de horizonte infinito*. Ao experimentar essa finitude radicalmente, ele está atingindo para além dessa finitude e percebe-se como ser transcendente, como espírito. O horizonte infinito do questionar humano é experimentado *como horizonte que sempre se retira para mais longe quanto mais respostas o homem é capaz de dar-se*. Grifo nosso. RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. São Paulo: Paulus, 2004, pp.46-47.



Ora, mas esse Deus nos cativa a tal ponto de não podermos ficar calados. Teimamos em dizer alguma palavra sobre esse Deus, que é *Espírito* e que é *Santo*, no qual estamos imersos, como um grande “útero” no qual estamos sempre sendo gestados, como diz o Antigo Testamento, a *Ruah Yavé* (sopro, vento de Javé), que perpassa toda a realidade da Criação e dá vida a tudo. Então, teologia será sempre resposta humana ao desvelar divino. Suspiro da alma que teima em querer Deus, e que não consegue ficar muda e nada pensar de Deus, mas acima de tudo consciente de *estar em Deus*, no Espírito de Deus. Realizando sua tarefa do discurso teológico de maneira integral, incluindo razão e afeto, labor e oração, muito estudo e muita devoção, teologia marcada pelo rigor acadêmico, mas ligada fortemente à práxis.<sup>34</sup>

Para K. Barth uma possível reação por parte do teólogo(as) com relação ao “lugar” central do Espírito na teologia, poderá ser “negar-se a ser conduzido pelo Espírito a toda verdade, negar-se a, em sua pesquisa, seu raciocínio, e seu ensino, dar ao Espírito do Pai e do Filho

---

<sup>34</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **Experiências de reflexão teológica**. São Leopoldo: Editora Unisinus, 2004, p.19.



(que também foi derramado sobre toda carne em seu favor) a honra que lhe cabe.”<sup>35</sup> E diz mais:

Então finge ignorá-lo; então comporta-se como sabe-tudo; então, confrontada com ele, imobiliza-se. Então fareja o perigo do “entusiasmo” tão logo o Espírito tenta agir também em seu âmbito. Então ela passa a girar em torno de si mesma historicizando, ou psicologizando, ou racionalizando, ou moralizando, ou romantizando, ou dogmatizando e dando asas à fantasia: e tudo isso considera seus “belos pastos verdejantes”. Então acontece que, com a sua maneira de levantar e de responder a pergunta pela verdade, ela não poderá servir nem ajudar á comunidade que, assim como ela própria, necessita desesperadamente do Espírito Santo.<sup>36</sup>

O teólogo de Basileia, então, conclui sua exortação a que nos conscientizemos do “lugar” do Espírito na teologia, tomando-nos pela mão e nos conduzindo à fonte da vida e é claro, da vida da teologia. Convocando a teologia hodierna a que escancare as suas janelas para que o *vento livre*, esse *ar movimentado* do Espírito a dinamize e a enriqueça mais uma vez. Barth conclui dizendo:

---

<sup>35</sup> BARTH, Karl., p.39.

<sup>36</sup> Idem., p.39.



O Espírito Santo é poder vital que *se compadece em liberdade* tanto da comunidade quanto da teologia, a qual necessita e continua necessitando dele sob todas as circunstâncias. Também a tal teologia não-espiritual só o Espírito poderá valer, conscientizando-a, de caso em caso, de sua mísera arbitrariedade, usada nas colocações das próprias premissas, para então tornar-se presente e atuante aí – e justamente aí – onde se geme, se clama e ora por ele: *Veni Creator Spiritus!* (...) A teologia evangélica é rica nesta sua pobreza total, firmemente sustentada e segurada nessa sua completa falta de pressuposições: rica, sustentada, e segurada ao aceitar a promessa, agarrando-se a ela sem ceticismo, mas também sem arrogância, agarrando-se à promessa segundo a qual é o Espírito, e não a teologia, que “tudo escruta, até mesmo as profundezas de Deus”.<sup>37</sup>

## Conclusão

Resta nos colocarmos então à escuta da Palavra de Deus em meio à comunidade de fé, sob o influxo do Espírito. E daí, segundo nosso teólogo, a caminhada teologal estará balizada com possibilidades inimagináveis de criação para o teólogo e a teóloga que se deixam levar

---

<sup>37</sup> BARTH, Karl., p.40.



pelas sendas dessa nossa rica teologia cristã na força do Espírito.

## Referências bibliográficas

BARTH, K. *Introdução à Teologia Evangélica*. 9ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1996.

BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo; Vida Nova, 1983.

BRUNNER, Emil. *O equívoco sobre a igreja*. 2ª ed. São Paulo: Novo Século, 2004.

BOFF, Lina. *O Espírito Santo em Lucas-Atos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

CONDEIXA, Rodrigo. *Do divórcio ao romance: uma nova relação entre teologia e espiritualidade*. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.

GREEN, Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HILBERATH, Bernd Jochen. “Pneumatologia”. In: SCHENEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática*. Vol. 1. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.



FRANÇA MIRANDA, Mario. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004.

LADARIA, Luis. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da trindade*. São Paulo, Loyola, 2005.

MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Experiências de reflexão teológica*. São Leopoldo: Editora Unisinus, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PEDREIRA, Eduardo Rosa. *Do confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso*. São Paulo, Paulinas, 1999.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2004.

